

BERNARDES

6465
~~30064~~

30064

UC-NRLF



B 2 843 616

P Q
9016
S3
1866
MAIN

LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

OS COIMBRÕES

QUESTÃO

EM QUE TAMBEM ENTRA PELOS CEM REIS

José Francisco,

CAIADOR DA RAINHA DO CONGO;

com uma dedicatória.

POR

DIOGO BERNARDES.

PORTE :

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,
4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

Y X

0412000

1994-1995 PERIODICALS MARKET 339

GARIBOLDI'S JACK.

INDEX OF AUTHOR AND SUBJECT

Digitized by srujanika@gmail.com

8

Journal of Health Politics

卷之三

Geographical Distribution of the Genus *Leptodora*

1046

OS COIMBRÕES

QUESTÃO

EM QUE TAMBEM ENTRA PELOS CEM REIS

José Francisco,

CAIADOR DA RAINHA DO CONGO;

com uma dedicatoria

(que por economia vai nas costas d'este)

POR

DIOGO BERNARDES.



PORTO :

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

4, Rua de Santa Thereza, 6.

1866.

À COIMBRA DOS ESCRIPTORES OURIÇADOS
DE IDEAL E DE TOLEIMA

..... por ti
Espero de ter nome entre famosos !

Por mim nunca subira onde subi,
Meu nome co'a vida se acabára,
O mundo não soubera se nasci.

Confesso dever tudo áquella rara
Doutrina tua que me quiz ser guia
Do celebrado monte á fonte clara.

E, por te dever mais, se á luz do dia
Te parecer que saiam meus escriptos,
Na tua pena está sua valia.

.....

Eu com o teu juizo tenho conta
E com outros que sei que d'elle pendem.
Os mais que digam bem ou mal, que monta ?
Sempre os que menos sabem mais reprehendem.

300611
PQ
9016
S3
1866
MAPA

A TAL QUESTÃO.

E continua.

Está dando agora, termo medio, dois escriptos por semana, escriptos que se estiram desinteressadamente pelas columnas de folhas politicas ou litterarias, ou chovem sobre o publico em folhetos de todos os formatos.

Desinteressadamente — dissemos nós mui de proposito. Não damos ponto sem nó. Dos rabiscadores que tem vindo á imprensa ajuntar sandices ás ninharias de pennas mais atiladas, é para nós evidente que o fim tem sido pescar alguns tostões n'estas aguas revoltas de uma questão absurda. Pois a que viria o snr. Ferreira de Freitas com quatorze paginas de linhas rimadas e duas de prosa, pelo modico preço de 240 reis? E começa por dizer que sirva de desculpa ás imperfeições o ter sido tudo isso fructo de uma noite, como se houvesse desculpa possivel para um apontoadão de maus versos que se quer encampar ao publico por quantia superior ao grave pataco!

E mesmo entre os atilados, a que viria o snr. Pinheiro Chagas, a causa primordial de tanto barulho e azáfama, com a reprodução de um folhetim seu que publicára no *Jornal*

do *Commercio*, e que reduziu a um folheto de oito paginas pelo preço de 100 reis?

Se isto não é especulação mercantil, risquem a palavra dos diccionarios da lingua.

Dizia-se ultimamente em uma das folhas politicas d'esta cidade que, depois da publicação do folheto com que o snr. Anthero do Quental abriu a questão, só havia razão de ser nos dos snrs. Julio de Castilho e Ramalho Ortigão.

Com effeito, nem ao folheto do snr. Theophilo Braga se pôde conceder razão de ser. S. s.^a tinha tanta razão para vir a publico com as *Theocracias litterarias*, como o snr. Quental com o *Bom-senso e Bom-gosto*: isto é, nenhuma. Não se agrava ninguem com dizer-se que não se sabe para onde vai esse ninguem, por muito alevantados disferir os vôos pelas regiões do ideal, tam alevantados que furga os seus escriptos á comprehensão da grande maioria dos leitores.

Que o snr. A. do Quental, logo em seguida á leitura da carta que remata o volume de poemetas do snr. P. Chagas, movido da cólera que dá o amor-proprio offendido, vertesse fel á farta sobre uma folha de papel de impressão, admitte-se. A vehemencia de linguagem que corre sempre á mesma altura por todas as paginas d'aquellea carta dirigida ao snr. Castilho, está manifestando que todas sahiram de um jacto, que não mediou entre duas um momento de reflexão que movesse o escriptor a queimar o trabalho feito, acompanhando tam assisado auto da fé com uma gargalhada de quem folga por ter evitado um desacerto. Mas que passados dias, muitos dias, apparecesse o snr. T. Braga a corroborar a parvoice, não se tolera.

E começa dizendo que o força a consciencia a erguer a voz, e fecha o seu escripto fallando outra vez na sua cons-

ciencia ! Permita que duvidemos que tivesse a consciencia do que dizia.

Os snrs. Braga e Quental não querem que lhes fallem na escola coimbran ; negam a sua existencia, e asseguram que o que ha em Coimbra são homens que sabem pensar e escrever com independencia.

Nós é que não sabemos o que lá ha : sabemos que desde os tempos do snr. Vieira de Castro, ou talvez de tempos anteriores, existe em Coimbra uma coisa hybrida, descabelada, que não é exotica porque não foi para alli de parte nenhuma, alli nasceu, alli vive e alli ha de morrer. Essa coisa manifesta-se arripiada, abstrusa, apocalyptica, em folhetins, em artigos de periodicos litterarios, em declamações de folhas politicas, em folhetos, em livros, em prosa, em verso, e mórmente sob fórmas que não são de prosa nem de verso. Acha-se um pouco d'essa coisa em *Uma Pagina* da historia da universidade, e na *Biographia* do snr. C. C. Branco traçada pelo snr. V. de Castro : mas ha muito mais em centenares de escriptos de outros alumnos da Universidade. O que é essa coisa ? Não é escola ? Não será. O modo como se manifesta são ancias de trepar ao Ideal ? Serão. Não questionamos sobre esse ponto.

Para os que não teem noticia da coisa, daremos ao menos duas amostras da sua maneira de manifestar-se.

Ora vejam :

« A Suzana transparece, venustada myrificamente de mil pudores sob a nebula d'aquelle Thabor de prodigios.

« N'aquelle celsitude de cherub, a mulher distilla escândalo. O asceta não poisa lá a mão, porque refoge a brasa da gehenna ; mas, ao divino, ceva no amojo o ardor do olho espremido. Mundo.

« O mundano, esse de mente pudica, coração casto,

corpo limpo, mão impolluta, na poma pregusta o grumo de leite e o favo de mel.

« A palavra e a vida. Mysteriosa encarnação onde está unido hypostaticamente o astro e o sapo. Baptismo prodigioso que magnifica a lubrica Venus. O beijo é unção divina que oblige a pôma para que se consagre o amor. Sanctificando-a, infunde-lhe a graça ; consagrando-a, imprime-lhe caracter. N'aquellea amphora de infernos espaneja-se o Glauco tritão e toma pé o iris de serena claridade. Alli abraça-se o ibis e o reptil.»

Essas linhas e outras no mesmo gosto escreveu-as um que já era doutor. Chegára ao Ideal.

Veja-se mais :

« As côres crepusculares cintavam o fundo cerúleo dos espaços. Descem os pannos ; saltam alfim na arenosa praia. As azas da noite pairando sobre as sete collinas, toldavam-nas do lusco-fusco. Entretanto, nos páramos da vastidão aerea apinhavam-se tremeluzindo regimentos estrelliferos, e a lua discoide, franjando as cumiadas das serranias, assomava a mêmio na penumbra do horisonte romano. Tepidocicio de favonio embatia nas alforvas alibiles que se congregavam de fructos por entre as virides alfombras das orlas do Tibre.

« O cucuruto dos montes era então coroado de argenteos fulgores que se espalhavam em baixo, na lympha transparente das bacias dos convales, que petrificada ao dar de chofre com paredes de cadaveres parecia despertar de sombrio incúbo.

« E Roma, nos estos da catalepsia a respeito do Verbo novo — disse folha a folha o testamento.

« Um momento depois, passando a parte digital da dextra por entré as intensas barbas em desalinho, descobriu-se para deixar fluctuar á mercê das auras nocturnas a catadupa de seus cabellos espargidos em aneis sobre os humeros.»

Estas e outras linhas traçou-as um homem que crêmos não ser ainda doutor. Aspira ao Ideal.

Se sairmos do dominio do folhetim e do periodico litterario, encontramos a mesma coisa, como já dissemos, em periodicos politicos, em folhetos e em livros. A folha politica conimbricense — *O Minho* — é uma mina de riquesas d'esta ordem.

O que é essa coisa ? Não é escola ? Não será. Serão materiaes que se vão accumulando para se lançarem os alicerces da regeneração social ? Serão. A nós parece-nos que são a quinta essencia da parvoice, a super-eminencia no disparate, apuradissimo requinte do contra-senso e do mau gosto. Mas é possivel que nos enganemos.

Não se pense, porém, que vêmos o estylo dos snrs. Braga e Quental na *altura* do d'aqueelles que o arreiam com tam chocahantes lentejoulas, fazendo lembrar o nome de *nadas visiveis* com que Babinet assignalou os cometas, para que a humanidade assustadiça deixasse de os contemplar com estremecimentos de assombro.

Ha nos seus escriptos uma linguagem menos esdrúxula, menos arrevezada, menos amphigurica. Muito menos. Rastejam quasi pela vulgaridade da maioria dos que infelizmente escrevem n'este paiz para o publico. Lá isso é verdade. O seu defeito capital não está no palavreado : está nas ideias. Essas é que fariam estalar de inveja o discipulo bem-amado do Christo, se, apesar de ainda viver na terra, como piamente cria o P.^o Bernardes, fosse possivel que se acendessem invejas na alma do metaphysico do quarto Evangelho, do visio-

nario do Apocalypse. Por isso dizia o snr. A. F. de Castilho que não sabia para onde s. s.^{as} iam.

Manifestando esta opinião não nos expômos de certo ao risco de uma descompostura em letra redonda, porque não temos um logar respeitavel na historia moderna das letras patrias.

Dos *estylistas* da escola coimbran (permitta-se-nos a hypothesis de que ella existe para nos podermos furtar a longas phrases) apanham-se as ideias depois de paciente decomposição e recomposição de termos esconsos. Dos escriptos dos snrs. Braga e Quental é que nem sempre é possivel desemmaranhar uma ideia dos bem pouco enleados empecilhos de linguagem com que descem das alturas do Ideal para fallarem a um publico basbaque, que tambem não atina para onde s. s.^{as} querem ir.

Ha, pois, confusão nos seus escriptos, mas é de outro genero. Não corre parelhas com a da escola coimbran. Ainda bem que uma nota á pagina 7 das *Theocracias litterarias* vem pôr-nos a coisa em pratos limpos. Os mencionados estylistas são os homens de incoherencias e futilidades de que falla a nota; os snrs. Theophilo Braga, Anthero do Quental, Elmano da Cunha e outros, são os que « sabem pensar e escrever com independencia. »

Escrevam, pois, e pensem tam independentemente do senso *commum* e da comprehensão dos outros, quanto lhes seja possivel, e não reconheçam theocracias que ninguem deve hoje reconhecer. Um anno depois da publicação de cada um dos seus livros, ninguem irá perguntar-lhes quantos centos de exemplares se perfilam ainda nas estantes dos livreiros, porque este mundo, soberbamente desagradecido, nunca ha de averiguar a grandeza dos sacrificios pecuniarios dos que tressuam e se esfalfam para lhe grangearem a regenera-

ção moral e social de que tanto ha mister. Mas não se embespinhem contra os que tiverem bem merecido da patria, só porque cáem no desacerto de clamarem que não os comprehendem, que não sabem para onde vão.

Desde que a metaphysica se levantou dos bancos das escolas para ir assentar-se á banca dos poetas, começaram estes a vêr apenas « superfetações mesquinhas » na arte que pouco antes admiraram, e negaram o principado da lyra aos que careciam de bom-senso e bom gosto, isto é, aos que não involviam a poesia nas nebulosidades da metaphysica. Que lh' o agradeça o snr. Mendes Leal que não hesitou em chamar principe da lyra ao snr. Castilho, e não só isso, mas philoso- pho e obreiro do futuro, offerecendo-lhe a sua magestosa poesia *Napoleão no Kremlin*.

Mas a que proposito vem dizer-nos os dois mais furibundos adversarios do snr. Castilho que s. exc.^a não tem arte nem sentimento ? Pois a declaração feita pelo cantor da *Primavera* de que não os entendia, era caso para se reduzir ao nada o vulto que se erguia gigante movendo á veneração todos os que presavam as boas letras ?

O snr. T. Braga depois de lhe negar sentimento e arte, diz que tem habilidade porque só habilidade se pôde esperar de um cégo, isto é, tem habilidade para não ter arte, tem habilidade para alinhavar versos em que não ha sentimento nem arte, versos sem certo recheio das *Tempestades sonoras* e da *Visão dos tempos* e das *Odes modernas*.

Valha-nos Deus ! Se não fosse a Coimbra dos ultimos annos, onde meia duzia de palradores embasbacam com a sua tagarellice as turbas escolares que os applaudem quando elles lhes atiram com uma phrase obscura, que tanto mais os victoriam quanto menos os entendem, e do alto da sua admiração alvar lhes decretam triumphos quando elles entregam

aos prelos o primeiro parto monstruoso procedente d'esse enlace da tagarellice dos oradores com a pasmaceira dos ouvintes ; se não fosse o snr. A. do Quental que nos veio dar nas absurdas *Odes modernas* o modelo da verdade e do sentimento na arte ; se não fosse o snr. T. Braga, que ainda hontem aprendia a resar com sua mãe, e já hoje nos estontêa com a *Poesia do Direito* e com muitas coisas que os que não sabem allemão encontram á farta em traducções francezas ; se não fosse aquella Coimbra e estes escriptores, ainda hoje estariamos pasmados a lér e relér os *Ciumes do Bardo*, e a *Noite do Castello*, e o *Amor e Melancolia*, e a *Primavera*. Que bôcas abertas se não viessem s. s.^{as} fazer-nos dar um estremeção no mais arroubado da nossa pasmaceira, e obrigar-nos a entrar na seriedade devida a este anno de 1866, em que s. s.^{as} hão de estabelecer bem de assento o reinado do Ideal, e assentar a nossa regeneração moral e social em alicerces de nova alfandega !

Bem hajam elles que vieram « demonstrar a exiguidade do snr. Castilho » insultando-o ; bem hajam elles que vieram convencer-nos com a publicação de versos ingratos, escabrosos e a cada passo sybillinos, que nós, admiradores do snr. Castilho, seguiamos « uma rotina arcadica, palavrosa, nulla de ideias, de sentimentos falsos ; » bem hajam elles que, erguendo no meio de nós um altar ao deus ignoto, nos fazem arrebentar com um pontapé as estatutas ôcas que os forçaram a cair na sandice de proclamarem o bello independente da fórmula, para não terem de confessar que são bellas ao menos pela fórmula !

Bem hajam elles !

Bem haja o snr. T. Braga que nos veio pôr de pé atraz com o estylo á Fr. Luiz de Souza, « em que se relê depois de lér e se torna a lér », evidenciando-nos que nunca leu es-

criptos de Fr. Luiz de Souza, nem de nenhum dos muitos escriptores de boa nota, que lhe ensinariam grammatica e pureza de linguagem que s. s.^a escoucêa desapiedadamente em cada pagina dos seus livros.

Bem haja elle que sonhou uma « forma intertelada e urbana » nas amenidades de D. Francisco Manuel de Mello, nas singelezas do bom Fernão Mendes, na sinceridade de Fr. Amador Arraes, na agradavel simplicidade de Diogo do Couto, e até talvez na critica comesinha e desenfeitada d'aquele grande invejoso Diogo de Paiva de Andrade, que ácerca dos Theophilos Bragas do seu tempo, escrevia as seguintes linhas, que muito recommendamos á attenção de s. s.^a :

— « Coitados dos que vivemos n'esta epocha em que a jactancia é tam forçosa e a presumpção tam refinada, que escassamente temos ouvido dois preceitos da rudimenta quando já queremos jubilar na cadeira de prima. E com tam cega confiança não fazemos senão escrever e publicar tudo quanto nos ocorre aos enganados entendimentos, sabendo, pelo que vêmos acontecer a tantos outros, que hão de vir a parar nossas curiosidades nos hospitaes ou cemiterios de similhantes obras, que são tendas, boticas e conseitarias. » =

Bem haja elle que, de candéias ás avessas com a grammatica, com a lingua e com o bom senso, nos veio fazer crér que é « dissonante para quem conhece a verdadeira eurythmia da lingua » aquella linguagem do snr. Castilho que tanto enfeitiçava a mocidade de gosto derrancado e tolo.

Bem haja elle que nos veio fazer vêr que o snr. Castilho « deve a sua celebridade á infelicidade de ser cego, » e que de um cego não ha que esperar senão habilidade, e isto sem cair na tontice de nos aparvalhar com um estendal de erudição bastarda, para convencer-nos de que Homero teve

dois dèdos de habilidade e mais nada, e de que Milton, se ainda alguma veneração merece, tem origem na compaixão esse sentimento !

Ande-me assim, meu amigo ! Deixe-me dar-lhe este nome, ao menos n'este momento de entranhado jubilo em que me parece que o estou vendo a atirar com o mais formal *desmentido* (aproveite a palavra, aproveite) como iamos dizendo, atirando com o mais formal desmentido ás bochechas de alguns invejosos que andam a segredar pelos cafés que s. s.^a tem enfardelado erudição campanuda para compôr cinco duzias de volumes, de texto, seguidos de uma duzia de volumes de notas, que serão copiosissimo catálogo de livros que ninguem lê.

São uns damnados invejosos estes malditos que tem tido o bom senso de formarem para si uma livraria com aquelle tino e acerto com que Aimé Martin architectou a sua *Bibliotheca universal*, sem quererem sair d'ella para se abarrotarem de erudição na leitura das obras, com cujos titulos o snr. T. Braga faz tam esplendidias as notas aos seus escriptos.

Amaro Mendes Gaveta, na carta em verso dirigida ao snr. Castilho, em que dá a muitos que tem entrado na questão mais ou menos do que de direito lhes cabe, diz fallando do snr. T. Braga :

O Braga foi mais ávante
Na censura que te fez,
E diz-nos com tom pedante
Que o teu merito é ser cego !
Isto então é de gallego.

Isto de chamar gallego ao snr. T. Braga por assim ag-

gredir do modo que fica dito a reputação litteraria do snr. Castilho, é um pouco forte: Por acharmos forte a expressão, aqui estampamos esses versos para eterna vergonha de Amaro Mendes Gaveta, porque temos a certeza de que estas nossas linhas hão de ir á posteridade, e á posteridade da posteridade.

Deixemos, pois, este incidente de cegueira que incomoda e arripia os animos, e procuremos um fecho para este longo palavreado que ninguem nos encommendou.

Mas não. Visto que fallamos em posteridade, vem a propósito ajudar o snr. T. Braga a demonstrar, com uma critica tam atilada como a sua (perdoe-nos a immodestia porque é para bom fim) que « a reputação do snr. Castilho acaba com a sua vida » e que nenhum dos seus livros vai á posteridade.

A critica empregada pelo snr. T. Braga para demonstrar a infallibilidade de um acontecimento tam arripiador, consiste em não fazer a dissecação das obras que naturalmente s. s.^a já considera como cadaveres, visto que não ha probabilidades de que o snr. Castilho mande reimprimir tudo o que tem publicado, e visto que, não curando o snr. Castilho da reimpressão, « nem mais um volume se tornará a imprimir. » E' evidente que o atilado d'esta critica é o que o snr. Ramalho Ortigão viu, á luz da sua robusta intelligencia, na magresa de um palito que o snr. T. Braga sacou de arvore gigante, de que sabem alguns eleitos talhar alentadas traves para o mais magestoso edificio que é dado ao homem levantar.

Reimprimem-se as obras de Bocage e de Tolentino, e não em edições populares, baratas, que deem aos editores probabilidades de não se arruinarem, mas em volumes de excelente papel e impressão magnifica; reimprimem-se as obras de Bernardim Ribeiro, de Francisco de Moraes, de Ca-

mões, de Gil Vicente, e de outros escriptores classicos que menos deliciam a maioria dos leitores de hoje, do que os primores de linguagem e o mimo de versificação do snr. Castilho; editores ha em Lisboa que não desmaiam quando conhecem que cumprê metter hombros ao honrado commettimento de reproduzir boas obras da nossa antiguidade: mas nada d'isto deve fazer esperar que se reimprimam obras do snr. Castilho, porque demonstrou o snr. T. Braga que « depois da morte do author da *Primavera*, nem mais um volume se tornará a imprimir. »

Está a parecer-nos que o snr. T. Braga é capaz de sahir a campo por causa d'essas linhas que escreveu, mettendos os tamos dentro com a declaração de que quando disse — nem mais um volume — não se referia aos do snr. Castilho, mas aos seus. Se assim é, não se incommode, não falle, não venha á praça. Para nobilitar-se basta que o pense.

Concedendo que o snr. Castilho seja pouco mais do que quer o snr. T. Braga, isto é, que seja apenas um incomparavel metrificador e excellente mestre de linguagem, crêmos que as suas obras não estão ás portas da morte por estar velho o author. Mas não concedendo que s. exc.^a seja mais alguma coisa, estão manifestos os motivos por que o snr. T. Braga, do alto das suas abstracções, decreta a indifferença de nossos netos para as producções d'aquelle que s. s.^a se compraz em designar por author da *Joven Lilia*. Não lhe serve como metrificador porque esta gente do Ideal vê um absurdo na pureza da fórmā, e contenta-se com versos que só se estremem da prosa pela disposição das linhas: não lhe serve como mestre de linguagem, porque não ha nada que dê menos cuidado a s. s.^a do que é a pureza e elegancia da dicção.

Evidenciado, pois, que as obras do snr. Castilho cahem no abysmo do esquecimento depois da morte de s. exc.^a,

porque o snr. T. Braga cravou n'ellas o escaravelho de uma critica imparcial e severa, como cumpre aos homens da nota (pag. 7 das *Theocracias*), critica admiravel que o snr. Ramalho Ortigão, em momento de mau humor, compara com um figo chocho e péccco cahido do sycomoro da sciencia, resta-nos ao menos a consolação de podermos esperar que serão immorredouras as *Tempestades sonoras*, a *Visão dos tempos*, a *Poesia do Direito*, os contos e mais coisas do snr. T. Braga.

Estamos já a vêr em um futuro proximo cincuenta homens, benemeritos da patria, devorados pela sêde da editoração de livros uteis, engalfinhando-se uns nos outros, decidirem a murro monumental qual ha de agenciar mais dinheiro com a reprodução de tudo isso e das *Odes modernas*, e de tudo o que tem escripto e ha de escrever o snr. Anthero do Quental.

Bravo, snr. T. Braga ! Bravo, snr. A. do Quental !

Bravo, mestres !

Ainda vem a tempo.

Estavam quasi compostas as paginas antecedentes, quando saiu a lume o folheto do snr. C. Castello-Branco — *Vaidades irritadas e irritantes*.

O author d'estas linhas sentiu então não ter fitado a questão por um lado mais serio, tomando por sua conta o snr. T. Braga, como o eximio romancista tomou por sua conta o snr. A. do Quental.

Estas paginas traçadas ligeiramente, sem ancias de nomeada, não serão, porém, impedimento a que mais alguma coisa venha á praça, se por ventura continuarem as vaidades irritadas a manifestar-se em fervuras de quem não pôde fazer mais do que desabafar em palavreado esteril da affronta em que é posto pela severilade da critica.

play (31) - 00001

Preço — 100 reis.

Preço — 100 reis.

